

Atlântico 744 é a obra do fotógrafo Marco Costa que capta a identidade insular

POR TELMO NUNES

Observar os trabalhos fotográficos de Marco Costa é sempre uma experiência desafiante e muito enriquecedora, não apenas porque as suas fotografias são de uma qualidade pictórica assinalável, mas também porque colocam a nu a vida tal qual ela se desenrola! O prazer que advém da observação atenta das suas imagens é quase sensorial; há uma mescla entre a observação, a contemplação e, sobretudo, o deleite que impõe o pensamento mais profundo. Homem de algumas artes e outros tantos ofícios, encontra no quotidiano insular a centelha que espoleta a maior parte dos seus cliques fotográficos.

Este orgulhoso portocovense, rendido aos encantos açorianos, lançou recentemente a obra Atlântico 744, (ed. Inchas Edilora), um álbum fotográfico que traz a público um conjunto de imagens soberbas e que captam bem a identidade insular, mormente a micalense.

Como é que um homem nascido rente às ondas do Atlântico continental, surfista, bodyboarder e ligado de todas as formas ao mar, opta por São Miguel para se fixar? Foram as circunstâncias profissionais na verdade.

Em 2001, com a ideia de tentar estabelecer o mais rápido possível a vida a nível profissional, optei por vir para o arquipélago. Nos primeiros anos, a ideia foi sempre garantir tempo de serviço para, posteriormente, tentar fixar-me no Alentejo. Contudo, após algum tempo, o encantamento da ilha, e a qualidade de vida que proporciona, acabou por ditar que seria aqui que iria ficar.

De que forma se encontrou com a fotografia, é paixão antiga ou algo mais recente na sua vida?

Desde a adolescência que tenho um gosto enorme pela fotografia, usava as pequenas máquinas fotográficas, de rolo, que o meu pai tinha, mas nunca com muita noção do que estava a fazer. Mais tarde, já em São Miguel, numa decisão assertiva e repentina, decidi que iria aprender fotografia. E aí sim, comecei de forma mais consciente. Uma máquina de entrada de gama, muitas formações, pesquisa, tentativas frustradas e, eventualmente, começaram a aparecer imagens de que gostava.

Qual a sua identidade fotográfica?

Já experimentei quase tudo a nível fotográfico, mas o registo onde volto sempre e onde me sinto mais confortável é a fotografia de mar, paisagem e, de onde não consigo “fugir”, os desportos de ondas.

O que lhe traz mais gozo fotografar, aquele clique instantâneo, fruto do acaso, ou aquela fotografia pensada, devidamente maturada e arquitetada em casa, antes do clique final?

O meu tipo de fotografia não se coaduna muito com fotografia pensada ou estudada antes de sair de casa. Por norma, avalio as condições do tempo, luz e local onde estou e, a partir daí, a fotografia acontece.

Com o impulso do desenvolvimento dos telemóveis e concretamente das diferentes ferramentas fotográficas que o integram, aliado ao uso, cada vez mais frequente, das redes sociais, a fotografia

conhece hoje um desenvolvimento nunca visto. Considera que há espaço para alargar, mais ainda, esta “democratização” da fotografia?

Haverá sempre espaço para essa “democratização”, até pela tecnologia cada vez mais avançada nos telemóveis, que estão sempre disponíveis para fotografar qualquer momento e que, na maioria das vezes, cumprem bem o seu papel para publicações nas redes sociais. Pessoalmente, uso pouco o telemóvel para fotografar, acho que nada supera a qualidade de uma fotografia tirada com a máquina, que pode depois ser impressa e apreciada com uma excecional resolução.

Na apresentação do álbum Atlântico 744 foi dito que o Marco tem apostado bastante na sua formação fotográfica. De que forma o tem feito?

Durante muitos anos, através da AFAA, fiz quase todas as formações propostas, na maioria ministradas pelo António Luís Campos, mesmo algumas onde o tema não seria muito do meu agrado, mas que, seguramente, me dariam conhecimento que seria útil. Atualmente, menos formações acontecem, mas a informação está disponível na *worldwide web*, onde, sempre que necessário, procuro o que me falta. Também consumo muito livros de fotografia, onde muito se aprende.

Em fotografia é usual falar-se de “inspiração”; todavia, a inspiração é somente a centelha que espoleta tudo o resto, representando o estudo e a persistência a parte mais significativa na execução de uma boa fotografia. Concorda com a afirmação? A sua inspiração surge de onde? Há fotógrafos que o tenham marcado e o cujo trabalho o inspire?

Não estou muito seguro quanto à “inspiração”, mas haverá dias onde realmente sinto muita vontade de sair para fotografar e, nesses dias, tendencialmente, a sessão corre bem e isso será, sim, o resultado do estudo e persistência. Fotógrafos de referência tenho vários, mas haverá nomes que me surgem rapidamente, como o Philip Thurston, Chris Burkard e os portugueses Joel Santos e Hélio António.

O que é para si uma boa fotografia? Que fotografia nunca faria?

Questão difícil e subjetiva. Para mim, independentemente da composição e assunto, será uma fotografia que me prende quando a vejo. Onde consigo apreciar os detalhes que não estão lá ao acaso, mas também não estão a preencher a imagem, mas sim a fazê-la “funcionar”. E pode ser uma fotografia relacionada com qualquer tema. Fotografia que nunca farei? Provavelmente de situações íntimas ou pessoas em situações vulneráveis e sem a sua permissão para o fazer.

No mundo atual, há ainda espaço para a fotografia analógica ou o imperativo digital fará com que nos esqueçamos das velhinhas máquinas fotográficas dos nossos pais e avós, assim como dos processos manuais de revelação de fotografia?

Há cada vez mais adeptos da fotografia analógica, inclusive uma geração que não era nascida nessa época. Esse tipo de fotografia é, obviamente, mais desafiante e também

de resultado não imediato, o que lhe confere alguma “mística” atualmente. Tenho várias dessas máquinas analógicas, todas elas funcionais, e algumas com rolo. Uso pontualmente. Para mim, o lado menos positivo será o processo de revelação que nunca é barato e acaba por condicionar a utilização...

Que equipamento usa para fotografar?

Há vários anos que me rendi à Fujifilm. Neste momento uso a X-Pro3, XT-30 e X100V.

Todos os fotógrafos, e artistas em geral, desenvolvem uma relação pessoal com a sua arte. As fotografias, concretamente as que agora apresenta neste Atlântico 744, não nascem sem que haja um processo de trabalho. Qual é o seu?

Não lhe chamaria processo de trabalho. A larga maioria das fotografias que constam no livro foram, na verdade, o resultado da avaliação das condições de tempo e mar nesse dia específico. Determinadas fotografias publicadas eu sabia de antemão que deveria estar presente para as fazer, porque as condições apontavam para que tudo se alinharia para um bom resultado, mas quase sempre é na base da avaliação momentânea. Perceber o que se pode fazer com a luz que o dia nos dá, também faz parte do processo. E nem sempre corre bem.

A fotografia é o lugar onde tudo pode ser dito? O que podem os leitores/observadores esperar deste Atlântico 744?

Um livro de fotografia cujo tema é o oceano. Concretamente a porção do atlântico que envolve a ilha de São Miguel. Um livro feito de mar que gostaria que fosse sentido como pertença de todos os açorianos e em particular dos micalenses.

Como surgiu a ideia de publicação desta obra? Será algo direcionado essencialmente para o turista que nos visita ou para os açorianos de uma forma geral?

Qualquer açoriano, seja qual for a sua ilha, está fortemente ligado ao mar, e para esses acredito veemente que este livro lhes possa dizer algo. É o mar dos Açores que ali está representado e o povo açoriano sente muito a sua identidade insular e este mar faz parte disso. Para o turista que nos visita, esta será uma oportunidade de ter reunido num volume uma porção do que é ser ilhéu e de ver representado esta parte do atlântico norte.

Como tem sido a receção do público a esta obra?

Os amigos que me perdoem, mas as opiniões que tenho tido mais em consideração são daquelas pessoas que não me conhecem. A reação tem sido fantástica. Por parte dos amigos também!

É inevitável apontar a presença do mar ao longo de toda a obra. O que lhe traz o mar dos Açores que não lhe deu o de Porto Covo?

Acima de tudo a cor do mar neste lado do Atlântico. É única e muito apelativa para mim.

Considerando que o livro retrata essencialmente São Miguel, em termos



fotográficos, em que local da ilha é que o Marco sente que está a “entrar em casa?”

O livro retrata somente a ilha de São Miguel. E, no meu género de fotografia, sempre que chego à praia das Milícias para fotografar, é onde me sinto mais seguro do que vou fazer.

Certo de que acompanha a produção fotográfica portuguesa, especialmente a açoriana, para onde caminha a fotografia contemporânea de chão português e açórico?

A fotografia, não só a portuguesa, tem um caminho infundável, tecnologia recente e muita gente nova a fotografar, só poderá continuar a trazer algo de muito positivo. Nos Açores, temos 9 palcos de excelência para fotografia, todos diferentes com características únicas, e, por outro lado, o verde que une as paisagens das diferentes ilhas, bem como o azul do mar, também único, proporcionam, como vantagem diferenciadora, imagens brutais aos que cá vivem. O futuro da fotografia açoriana está assegurada.

Que fotógrafos açorianos atuais aprecia? E dos que fazem parte da história dos Açores, há algum que tenha como uma referência sua?

Seguramente que vou deixar alguém de fora por esquecimento e peço desculpa por isso. Mas aprecio muito e acompanho o trabalho do terceirense Luís Godinho. Aqui, na ilha de São Miguel e num registo completamente diferente do meu, o fotógrafo Álvaro Miranda faz um trabalho fantástico, com uma qualidade de excelência.

Um conselho para todos aqueles que se querem iniciar na arte da fotografia.

O mais simples de todos: não desistir. E também consumir muita fotografia de outros fotógrafos. Essencial.

Depois de uma exposição individual na Galeria Improvável; depois do lançamento desta obra singular, que podem os seus seguidores esperar futuramente? Há já algum projeto em pensamento?

Agora é divulgar e desfrutar deste Atlântico 744. Futuramente, e a curto prazo, existem algumas ideias a serem pensadas. Mas é ainda prematuro trazer o assunto.

*jornal@diariodosacores.pt